

## PSICANÁLISE E SURDEZ: SINGULARIDADES DA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

### *PSICOANÁLISIS Y SORDERA: SINGULARIDADES DE LA CONSTITUCIÓN SUBJETIVA*

### *PSYCHOANALYSIS AND DEAFNESS: SINGULARITIES OF THE SUBJECTIVE CONSTITUTION*

Lilian Cristine Ribeiro NASCIMENTO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo promover uma reflexão sobre as singularidades da constituição subjetiva da criança surda filha de pais ouvintes. Para essa reflexão, descrevo uma cena do curta-metragem “Crisálida” e, em seguida, analiso as singularidades da constituição psíquica da pessoa surda, a partir das seguintes categorias: Sintomas psíquicos; Interações entre pais ouvintes e filhos surdos e modos de apreensão das línguas, a partir de pesquisas de psicanalistas ou pesquisadores que se fundamentam na psicanálise. Como resultado, aponto o fato de que a dificuldade de comunicação entre os membros destas famílias não impede a construção de laços afetivos, porém pode dificultar a negociação de regras sociais, gerando conflitos nesta relação. Ademais, a entrada da língua de sinais no contexto familiar parece funcionar para os pais como um resgate narcísico em relação ao filho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Surdez. Língua de sinais.

**RESUMEN:** Este artículo pretende promover una reflexión sobre las singularidades de la constitución subjetiva del niño sordo hijo de padres oyentes. Para esta reflexión, describo una escena del cortometraje "Crisálida" y seguidamente, analizo las singularidades de la constitución psíquica de la persona sorda, a partir de las siguientes categorías: Síntomas psíquicos; Interacciones entre padres oyentes e hijos sordos y modos de aprehensión de los lenguajes, a partir investigaciones de psicoanalistas o investigadores que se basan en el psicoanálisis. Como resultado, apunto al hecho de que la dificultad de comunicación entre los miembros de estas familias no impide la construcción de vínculos afectivos, pero puede dificultar la negociación de las reglas sociales, generando conflictos en este relacionamiento. Además, la introducción de la lengua de señas en el contexto familiar parece funcionar para los padres como un recurso narcísico en relación al niño.

**PALABRAS CLAVE:** Psicoanálisis. Sordera. Lengua de señas.

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas – SP – Brasil. Docente do Departamento de Psicologia Educacional. Doutorado em Educação (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7805-1620>. E-mail: [lilianrn@unicamp.br](mailto:lilianrn@unicamp.br)

**ABSTRACT:** *The purpose of this paper is to reflect on the singularities of the subjective constitution of deaf children born to hearing parents. In order to reflect on this subject matter, I have described a scene from a short film called “Crisálida” and then analyzed the singularities of the psychological constitution of deaf people, based on the following categories: psychological symptoms; interactions between hearing parents and deaf children, and the modes of language acquisition, based on research conducted by psychoanalysts, as well as researchers who base themselves on psychoanalysis. As a result, I have pointed out the fact that communication difficulties between family members do not prevent the establishment of affective bonds, but they might hinder negotiations over social rules, which creates conflicts in this relationship. Besides, the advent of sign language in the family context appears to serve as a narcissistic rescue to the parents in relation to the child.*

**KEYWORDS:** *Psychoanalysis. Deafness. Sign language.*

## Introdução

Este artigo busca refletir sobre as singularidades da constituição psíquica da criança surda filha de ouvintes. Na relação destas crianças surdas com seus pais, a comunicação pode estar comprometida, visto que a língua oral não é acessada de modo integral pelos filhos. Falo das crianças com surdez profunda, congênita ou adquirida antes de um ano de idade. Para a pessoa surda, a apreensão do mundo se dá de modo muito diferente do que para o ouvinte, pois se realiza exclusiva ou majoritariamente pela visualidade. “Para os que experimentam a condição surda, o sentido visual ocupa lugar central no processo relacional de criação, interação e inserção no mundo” (LUZ, 2013, p. 18). Além disso, a representação do mundo ocorre também por uma língua viso-gestual, quando o surdo é exposto à língua de sinais, o que diferencia imensamente do modo de representação das pessoas ouvintes, que o fazem por uma língua oral. Este artigo trata, portanto, de crianças surdas profundas que são imersas em famílias ouvintes, que falam uma língua que elas não conseguem apreender de modo pleno. O que questiono neste artigo é: Como uma criança surda se constitui subjetivamente? Como os pais interagem com seu bebê que não ouve? Como o diagnóstico da surdez impacta os pais e que marcas psíquicas esse impacto provoca na constituição da criança? Ao analisar as pessoas surdas que em algum momento da vida adquirem a língua de sinais e, a assumem como sua língua matriz, compactuo com Luz, a ideia de que: “Esse tipo de surdez é extremamente relevante para compreender a base sensorial, linguística e relacional de sua constituição psíquica e os modos pelos quais os surdos acontecem como alguém no mundo” (LUZ, 2013, p. 18).

Para fazer a reflexão sobre a constituição subjetiva de crianças surdas, analisei algumas cenas do curta-metragem “Crisálida” (CRISÁLIDA, 2016) e em seguida, tracei

algumas categorias de análise a partir de publicações de psicanalistas que atendem pessoas surdas, além de outros pesquisadores que se fundamentam na psicanálise para compreender o fenômeno da surdez enquanto marca de subjetivação.

### **A arte imita a vida: Crisálida**

O curta-metragem *Crisálida*, disponível no *YouTube* (CRISÁLIDA, 2016), mostra a história do personagem adolescente Rubens que é surdo e tem pais ouvintes. Os pais fizeram a opção pela oralização do filho, que não teve contato com a língua de sinais na infância.

A cena que destaco é de um momento entre pai, Mário, e o filho adolescente, Rubens. Mário é marceneiro e trabalha construindo barcos. Na cena (CRISÁLIDA, 2016), Mário lixa um pedaço de madeira e diz para o Rubens: - *Está bonito, né? Olha como está bonito!* O pai passa a mão na madeira e o menino repete o movimento. E continua: *Por quê? Não pegar farpa.* Em seguida o pai, mostra a lixa e articula silabicamente: *Li - xa.* Rubens repete com uma articulação próxima à do pai, porém sem precisão fonética. O pai mostra a chave de fenda e pronuncia novamente silabicamente: *cha-ve de fen-da.* Novamente Rubens tenta repetir as palavras com articulação imprecisa.

A cena de cerca de 2 minutos retrata a relação entre o pai ouvinte e o filho surdo. Embora Rubens não use a língua oral de modo preciso, nem Mário use a língua de sinais com o filho há uma comunicação visual, na qual se revela uma identificação do filho com o pai. O menino está atento à atividade do pai, olha com admiração, repete os atos e a fala do pai, o que demonstra que busca um reconhecimento de seu progenitor. Sobre a necessidade de reconhecimento, Fink (2018, p. 58, grifo nosso) afirma:

Durante a primeira infância, nossos cuidadores primários são de imensa importância para nós, pois nossa vida está intimamente ligada à deles. Nós lhes fazemos pedidos; *eles, por sua vez, pedem que nos comportemos de certas maneiras, e não de outras, e que aprendamos muitas coisas: a falar sua língua (usando palavras, expressões e gramática não criadas por nós)* e a regular nossas necessidades de alimentação, calor, excreção etc. de acordo com os horários deles. Essas pessoas são nossa fonte primária de atenção e afeição, e é frequente tentarmos conquistar sua aprovação e seu amor, conformando-nos a seus desejos.

Como afirma Fink (2018), toda criança busca satisfazer a demanda de seus pais, pois sabe que, quanto melhor o fizer, maior será a probabilidade de ser aceita, amada e aprovada. Uma das demandas dos pais à criança é que aprenda a sua língua. No entanto, a criança surda, por sua privação sensorial, não consegue espontaneamente se apropriar completamente da

língua que é falada pelos familiares ouvintes. No curta “Crisálida”, há um conflito premente: o pai se opõe veemente a que o filho aprenda Libras; já a mãe, vendo o insucesso do filho na oralização, se dispõe a aprender Libras. A história vivida por muitas famílias compostas por filhos surdos e pais ouvintes é parecida com a relatada no curta-metragem, o conflito envolve mais do que uma dificuldade de comunicação, denota uma frustração dos pais por não conseguirem legar aos seus filhos uma língua que lhes pertence, e por outro lado, um sentimento de fracasso dos filhos por não conseguirem se adequarem a uma demanda de seus pais, a de falar a língua deles, o que revela uma ferida narcísica parental.

### **A constituição subjetiva da criança surda**

As pessoas surdas profundas, no contato com seus familiares ouvintes, vivenciam um contexto social em que circula majoritariamente uma língua oral. Elas apreendem aspectos da cultura ouvinte através das marcas visuais desta língua (observam os movimentos dos lábios, as expressões faciais, percebem que há uma comunicação quando as pessoas falam). Dessa forma, elas simbolizam e significam subjetivamente as marcas da língua oral que emergem em suas famílias e na sociedade em geral.

No entanto, embora as crianças surdas sejam parte integrante de um grupo social em que os sujeitos comunicantes (pais ou cuidadores) usam uma língua oral, há uma particularidade no modo de se inserir na cultura, uma vez que a língua que, em geral, falam seus pais não é plenamente adquirida pelo convívio social. Embora elas possam ver os movimentos labiais e expressões faciais daqueles que lhes dirigem a palavra, essas marcas, muitas vezes, são insuficientes para criar uma comunicação plena. Reitero a ideia de que estou falando das crianças com surdez profunda, que nasceram surdas ou adquiriram a surdez antes da aquisição da língua oral e que têm pais ouvintes.

Para descrever e analisar, portanto, as singularidades no modo de constituição subjetiva das pessoas surdas, elenco três categorias: Sintomas psíquicos; interações entre pais ouvintes e filhos surdos; modos de apreensão das línguas.

Sobre cada categoria, trago contribuições de pesquisadores e psicanalistas para tecer, a partir delas, algumas reflexões.

## Sintomas psíquicos

Esta categoria tem como base a caracterização de sintomas apresentados por sujeitos surdos. Para Freud (1916/1990), os sintomas são formações de compromisso, ou seja, conciliações entre um desejo recalcado e sua realização. No texto *O sentido dos sintomas*, ele afirma que a manifestação sintomática é rica em sentido, e que os sentidos, que só podem ser revelados pelo próprio sujeito, estão relacionados às experiências vividas por ele. Embora o sujeito não saiba nada sobre o sentido do seu sintoma, uma vez que ele é inconsciente, o sintoma diz algo sobre a verdade desse sujeito.

Não há nenhuma diferença de tipos de sintomas apresentados por surdos e ouvintes, nem uma maior prevalência de transtornos psíquicos nos surdos. Os sintomas que, em geral, as pessoas surdas apresentam são as marcas psíquicas que a surdez promove nos sujeitos. Essas marcas não são da surdez biológica, ou seja, da privação da audição, mas são consequências do fato de estar no mundo como um sujeito que se diferencia da maioria dos outros, desde seu grupo primário, em que se constitui sujeito.

Virole e Ibad-Ramos (2003) descrevem dados do atendimento de uma clínica psiquiátrica especializada em crianças e jovens surdos na França pelo período de 20 anos. Os autores afirmam que a surdez na criança, por si só, não é fator de causalidade de transtornos psiquiátricos, porém é um fator de risco. Os autores afirmam a existência de uma “pseudopsicose” em muitas crianças e jovens surdos e relatam que dois ou três casos de crianças apresentadas como psicóticas são atendidos pela clínica todo ano. Os sintomas dessas crianças são de estranheza de contato e de rejeição ao processo educacional. Os autores, psiquiatras da clínica, descobriram que elas eram submetidas à reabilitação oral desde bem pequenas, e seus pais e os profissionais envolvidos em sua educação não usavam a língua de sinais na interação com elas. Concluíram, portanto, que o método educacional puramente oral promovia as manifestações psíquicas da criança. Os sintomas eram removidos quando os pais aceitavam a mudança do método educacional e passavam a usar a língua de sinais com o filho surdo.

Virole e Ibad-Ramos (2003) relatam também que é muito comum a depressão infantil nas crianças surdas. São casos em que a criança se apresenta triste e busca se esquivar dos adultos educadores. Por estar relacionada às situações educacionais, os autores denominam essa manifestação de “depressão escolar”, que, frequentemente, é consequência de uma não consonância do método educacional com as necessidades da criança. Para os autores, “A

dimensão sociocultural inerente à surdez é uma dimensão de principal compreensão da psicopatologia dos surdos” (VIROLE; IBAD-RAMOS, 2003, p. 9).

Bremm e Bisol (2008) analisaram narrativas de adolescentes surdos, buscando compreender os significados atribuídos à adolescência e à convivência surda. Psicologicamente, qualquer pessoa, em sua adolescência, se depara com a necessidade de uma nova construção identitária. O sujeito deixa de se identificar com os referenciais da família, principalmente com os pais, com quem teve íntima identificação, para assumir novos valores. Para o jovem surdo, a comunidade surda ocupa esse lugar de referência, e, com ela, a língua de sinais. Os autores puderam perceber que, na adolescência, a língua de sinais adquire uma conotação específica: ela deixa de ser somente uma língua natural de comunicação e passa a ser um elemento identitário importante, pois “permite que ele se sinta membro de uma cultura diferente e tenha a comunidade surda como um dos principais referenciais” (BREMME; BISOL, 2008, p. 274).

Para Silva (2007), o sentimento de solidão e de estrangeiridade é também o traço de sofrimento mais apontado pelos surdos analisados por ela. Segundo a autora, esse sentimento tem relação com a impossibilidade de estabelecer identificações com os pais, uma vez que “a pré-história desejante familiar não dá conta de construir um espaço identificatório consistente, na medida em que não é decodificada plenamente pelo sujeito” (SILVA, 2007, [n.d.]). Como a criança surda não tem acesso à língua que circula no ambiente familiar, há uma dificuldade de compreensão das demandas dos pais, o que gera grande angústia.

A solidão novamente é mencionada como o sentimento vivenciado por surdos que buscam a análise entre os entrevistados de Neves (2018). A pesquisadora entrevistou seis psicanalistas que atendem surdos com uma escuta em Libras. A maioria deles mencionou que esses analisados se queixavam das dores decorrentes da dificuldade de comunicação, o que fazia com que se sentissem solitários e estrangeiros. Eles também relatavam, com muita frequência, sentimento de tristeza, depressão e melancolia (NEVES, 2018).

Os sintomas ou sofrimentos psíquicos que os surdos relatam não são consequência da privação sensorial da audição, mas da impossibilidade ou dificuldade de se expressar e entender a demanda do Outro. Como afirmou um entrevistado de Neves (2018, p. 45), “o sofrimento deles não é por não ouvir. Contudo, algumas dores podem ser decorrentes da dificuldade de comunicação. Por não encontrar alguém que fale a língua, sentem solidão”.

## **Interações entre pais ouvintes e filhos surdos**

A constituição subjetiva de qualquer pessoa ocorre por identificação com seus cuidadores e outras pessoas com quem convive. No início da vida, as crianças estabelecem identificações, principalmente na interação com seus pais, o que ocorre pelo olhar, pelo toque, pelos cheiros e, essencialmente, pela linguagem.

Todo bebê nasce imerso na linguagem. Ele é simbolizado e idealizado antes de nascer e, ao entrar no mundo, é cercado por falantes de uma língua que o acolhem e o introduzem nessa língua e, deste modo, fazem-no também humano. Ao nascimento, é a mãe quem dá ao bebê as condições necessárias à sobrevivência, mas, diferentemente dos animais, a mãe humana não só cuida da sobrevivência de seu filhote – mais que isso, dá a ele um status simbólico. Ou seja, cada ser humano que nasce não é um bebê, mas “o bebê”, um sujeito especial para o casal parental que recebe um nome e tem depositada sobre si uma gama de expectativas, desejos e sonhos. Há um desejo que precede o bebê.

Há, porém, uma situação diferente: o caso do bebê surdo, que, embora imerso numa família em que todos falam, não pode apreender os significados da língua que circula no ambiente. Quando a criança é diagnosticada com surdez, todo um imaginário dos pais se desfaz, pois o filho real não corresponde ao bebê idealizado durante a gestação. O bebê surdo não encontra um desejo a ele referido enquanto singular, pois difere do filho esperado. Ocorre uma reedição da própria infância quando uma mulher traz ao mundo um bebê, o que se dá por um processo de regressão psíquica da mãe e de sua identificação com o bebê. Essa identificação materna é essencial para a formação da subjetividade desse novo ser, e se manifesta através dos cuidados essenciais com ele, na amamentação, na higiene, nos toques, no pegar no colo, na fala carinhosa com o bebê. A mãe investe o bebê de uma esperança, faz com ele uma idealização. Ela imagina que esse novo ser que ela gerou pode curar todas as frustrações por ela vivenciadas. A criança é uma espécie de evocação alucinatória de algo perdido em sua própria infância (a da mãe). Quando os pais recebem o diagnóstico da surdez de seu filho, toda a idealização se desmorona, o bebê surdo, em geral, traz uma imensa dor aos pais ouvintes. O diagnóstico da surdez pode causar um colapso narcísico, prejudicando o estabelecimento da função materna e interferindo negativamente na relação com o filho (SOLÉ, 2005).

Solé (2005) traça algumas características das interações dos bebês surdos com suas mães. No caso de bebês ouvintes, a voz materna tem capacidade de restituir alívio ao bebê em momentos de angústia e de dar sentido à experiência sensorial do bebê, como quando ele

sente fome ou dor. A mãe fala com ele e o acalma, nomeando suas sensações. E, mesmo quando está fora de seu campo visual, o bebê ouve a mãe falando com ele ou os barulhos dela se aproximando, e isso o tranquiliza. Já o bebê surdo, por não ouvir a voz da mãe, é privado desse estímulo organizador dos sentidos (SOLÉ, 2005). Portanto, a integração do corpo do bebê surdo ocorre exclusivamente via olhar, cheiro e expressões faciais, e ele precisa de um esforço maior para realizá-la, uma vez que é privado da sensação auditiva da voz da mãe. Solé compara que, nos bebês ouvintes, ouvir a voz da mãe enquanto ela está fora do campo visual torna a ausência mais suportável, ao passo que, para os bebês surdos, isso não é possível.

Para o bebê surdo, os momentos de ausência materna podem ser excessivos, considerando que fora de sua visão a mãe desaparece; a falta de audição não permite ao bebê surdo antecipar a presença materna e diminuir os momentos de ausência e de abandono. Esse abandono pode ser significado como desamor e ser uma das causas dos traços depressivos percebidos (SOLÉ, 2005, p. 106).

Os traços depressivos a que se refere Solé (2005) foram observados por ela nos seus analisandos surdos adultos, cujas causas a autora buscou nas primeiras experiências do bebê no seu “berço psíquico”. Da mesma forma, Dalcin (2006) também buscou compreender como os sintomas de solidão, dependência e dificuldades sociais dos jovens surdos a quem entrevistou em sua pesquisa estavam atrelados à primeira infância. A autora atribui à precariedade na comunicação muitas dessas características psíquicas.

Silva (2007) é psicanalista e realiza atendimento clínico de surdos profundos nascidos em famílias ouvintes. Para ela, a principal questão na constituição subjetiva da criança surda é o fato de a perda auditiva não lhe permitir apreender a língua materna (língua oral), portanto, essa língua não serve para a sua socialização. A língua que permite a socialização da criança é a língua de sinais, que aparece em idade tardia e é adquirida na interação com sujeitos adultos pelo viés profissional, e não familiar. Mesmo que algo materno ultrapasse a criança, permitindo um nível de subjetivação primário, esse algo está atrelado ao campo perceptual (o que a criança consegue captar da realidade visível), e não ao campo simbólico (poder comunicar algo fora do campo perceptual). E a língua de sinais, que permitirá o acesso ao simbólico, não é adquirida por identificação no meio familiar, mas por intermédio de terceiros, em geral, na escola.

Para Bisol e Sperb (2010), a questão do impacto do diagnóstico da surdez pode ser extremamente traumatizante para os pais: “A criança surda não consegue ocupar o lugar que seus pais (se os pais forem ouvintes) imaginavam que ela ocuparia” (BISOL; SPERB, 2010, p. 10). Essa impossibilidade de ocupar o lugar imaginado afeta as relações afetivas precoces.

Por isso, os autores asseveram que a surdez convoca outros meios para que a constituição psíquica do sujeito se dê. As identificações mais significativas ocorrem fora do ambiente familiar, como no caso da pesquisa que realizaram com adolescentes surdos, em que puderam perceber que essas identificações aconteceram no contato com outros surdos, na comunidade surda.

Também Virole e Ibad-Ramos (2003) afirmam que pode ocorrer uma perda do sentimento natural de mãe, que, ao saber que o filho é surdo, assume uma postura reabilitadora (como se fosse responsável por “treinar” a fala do bebê). A mãe pode ainda se tornar agressiva com o bebê surdo, que representa o seu fracasso em gerar um filho saudável.

É também comum que pais ouvintes tenham dificuldade em estabelecer limites para seus filhos surdos, devido à pouca comunicação que ocorre entre eles. A criança surda não é capaz de compreender a língua oral dos pais e, portanto, as suas demandas. Essa dificuldade comunicativa pode produzir uma fragilidade na função paterna e no estabelecimento da “lei”.

### **Modos de apreensão da(s) língua(s)**

Para a psicanálise, a constituição de um sujeito passa necessariamente pela inserção na linguagem. Mannoni (1977) assevera que o nascimento de um sujeito está relacionado com a ausência imaginária de um objeto e com a marca significativa que assinala sua ausência. Isso significa que a instauração de signos (significantes que exprimem objetos ausentes) configura a entrada de uma criança na linguagem e seu nascimento como sujeito. É “essa entrada na cadeia significativa que converte a criança em sujeito” (MANNONI, 1977, p. 45). Pode-se dizer que a formação do psiquismo é histórica e languageira, instituindo-se pelas experiências vividas e pela linguagem, na qual a criança é imersa. Para que o bebê se constitua como sujeito, não basta ser alimentado e higienizado. Para constituir um sujeito, a presença do adulto tem efeito de modelar as características subjetivas da criança.

É por esse motivo que há uma singularidade na constituição psíquica da criança surda, pois o modo como a linguagem se estabelece na relação família ouvinte e criança surda é bastante peculiar. Nessa relação, uma vez que a criança não ouve a voz da mãe, a linguagem se dá de outro modo: pelo olhar, pelo toque, pelo cheiro, pelos movimentos da boca. O bebê surdo constrói uma imagem de si como separado do adulto por essa linguagem visual, pelo toque, mas, diferentemente das crianças ouvintes, a passagem para o simbólico, a entrada na língua materna está fragilizada.

A língua é materna porque nos faz nascer como sujeitos, é materna porque acolhe o bebê e o insere na cultura. A maioria das mães (e em alguns casos, os pais) das crianças surdas, sendo ouvintes, estabelecem uma forma de comunicação com seus filhos usando gestos criados a partir das necessidades concretas vivenciadas dentro do lar. É claro que, se os gestos criados nessa relação da família ouvinte com a criança surda permitem a comunicação, podemos dizer que ali há uma língua precária. No entanto, essa comunicação é restrita aos elementos presentes na situação vivenciada e não serve fora do ambiente familiar.

Denominada de “sinais caseiros” (ADRIANO, 2010), essa forma de comunicação se revela precária e insuficiente. “[...]são extremamente restritos em seu repertório vocabular e podem comunicar fatos somente no momento de sua ocorrência, tornando difícil relatar acontecimentos passados e/ou assuntos que envolvam níveis de abstração” (ADRIANO, 2010, p. 34).

Com essa comunicação precária, não é possível nomear, mesmo no espaço restrito à família, os sentimentos (afetos, desafetos, medos, angústias, incertezas), uma vez que esses gestos não permitem avaliar objetos ou experiências, dizer as qualidades ou defeitos daquilo que se viu ou experimentou. Talvez possibilitem convencionar apenas sinais de bom e ruim, com os gestos de polegar para cima ou para baixo, mas outros adjetivos não, como: suave, delicado, grosseiro, divertido, animado, feliz, difícil, fácil, inteligente, interessante, bonito, feio e tantos outros. Não permitem, também, falar sobre o tempo (ontem, hoje, amanhã, passado, presente, futuro, aniversário, semana, mês, ano), nem explicar à criança os graus de parentesco, muito menos a ausência de pessoas queridas, principalmente a “morte”.

Sobre o uso de sinais caseiros, Dalcin (2006, p. 2012) afirma: “A função de maternagem e os sinais caseiros garantem uma entrada precária no simbólico, mas não lhes possibilitam o deslize na cadeia significante e, conseqüentemente, a interação com seu entorno linguístico-sócio-cultural”.

Portanto, esses gestos têm apenas valor comunicacional (de forma bastante restrita), mas não expressivo. Por ser restrita ao meio familiar, na maioria das vezes, só da criança com a mãe, é uma língua que não se universaliza e não permite ao surdo “dizer-se”.

Bremm e Bisol (2008) afirmam que a falta de uma língua compartilhada marca a relação entre pais ouvintes e filho surdo. A comunicação precária nos primeiros anos de vida e, às vezes, por toda a vida no seio familiar produz marcas significativas na sua subjetividade. Os sujeitos entrevistados por esses autores buscaram, na adolescência, outras identificações com a comunidade surda, que se tornaram mais fortes do que aquelas realizadas com os membros da família.

A entrada da criança em uma escola em que circule a língua de sinais e a convivência com outros surdos marca, para muitas crianças surdas profundas, o início da aquisição da língua e da inserção na cultura, muitas vezes, em uma idade bem diferente do que ocorre com as crianças ouvintes.

Embora ocorra tardiamente, a aquisição da língua de sinais marca positivamente a vida dos surdos e de seus pais, permitindo a comunicação na escola e na família. A vivência em uma escola bilíngue contribui para o desenvolvimento do sentimento de autovalorização. Quando os pais se dispõem a aprender a Língua de Sinais traz um alívio, pois ao poder se comunicar com o filho, resgatam sua possibilidade de negociar com eles as regras sociais, passar-lhes informações, conversar sobre os sentimentos, e não somente usar gestos para as coisas concretas e cotidianas.

### **Entrelaçando as categorias ao curta-metragem**

Retomando o curta-metragem, busquei cenas em que as três categorias - sintomas psíquicos; interações entre pais ouvintes e filhos surdos; modos de apreensão das línguas - são explicitadas.

Categoria 1: sintomas psíquicos. Rubem, protagonista surdo do curta metragem, não apresenta transtorno psíquico, porém é possível observar o sofrimento de Rubem na escola por receber um tratamento hostil por parte dos colegas. A interação é permeada por chacotas, desprezo, imitações, leves violências físicas. Os colegas, por não compreenderem a situação de surdez, consideram Rubem um deficiente. É possível observar essa situação na cena em que na aula de educação física, para a formação de times para o futebol, dois meninos escolhem os jogadores. Os meninos deixam Rubem por último, dizendo que ele é “fraco” (cena inicia em 11min5s). Durante o jogo, percebe-se que Rubem tem bom desempenho no futebol, porém sua habilidade não é reconhecida pelo grupo.

Em um estudo de caso, a psicanalista Gladis Dalcin (2006) apresenta a narrativa de três jovens surdos filhos de pais ouvintes, que nasceram com surdez profunda e tiveram contato com a língua de sinais apenas na adolescência. A autora afirma que as restrições linguístico-sócio-culturais causaram sérias dificuldades no processo de subjetivação desses sujeitos: “Essas condições determinam uma estagnação subjetiva e uma exclusão linguística que os deixam marginalizados, sem condições de inserção e de apropriação da cultura de seu entorno, a cultura familiar” (DALCIN, 2006, p. 193). Os principais sofrimentos que esses três surdos mencionam nas entrevistas são o “isolamento” e a “alienação” que vivenciavam no

período em que interagiam somente com pessoas ouvintes. Seus familiares usavam apenas a língua oral, o que fazia com que se sentissem “estrangeiros” dentro da própria casa. A autora afirma que “esses surdos permanecem numa posição de exclusão da língua (oral e de sinais) e, conseqüentemente, da cultura (ouvinte e surda). Desprovidos de recursos, ficam sem condições para interpretar, sendo interpretados pelo outro” (DALCIN, 2006, p. 212).

O sentimento de solidão vivenciado pelos surdos também é descrito por Solé (2005), psicanalista que atende jovens e adultos surdos. “É estar no mundo em uma redoma de vidro, não só pela transparência do vidro, mas pelo uso metafórico dessa expressão: a superproteção e os cuidados excessivos que levam ao isolamento” (SOLÉ, 2005, p. 17). É o que ocorre com o personagem Rubem, ele sente-se sozinho na escola, pois não tem laços de amizade com os colegas.

Categoria 2: interações entre pais ouvintes e filhos surdos: No curta metragem é possível verificar que a mãe de Rubem apresenta uma atitude de extrema proteção em relação ao filho. Apesar de ter em torno de 12 ou 13 anos, a mãe o conduz até dentro da escola, segurando-o pelo braço (a cena começa em 1min24s).

Solé (2005) afirma que esse excesso de cuidados, além de uma impossibilidade de inserção no simbólico pela língua dos pais (língua oral), promoveu o que a autora chamou de uma “adolescência prolongada” ou, na pior das hipóteses, uma “infância prolongada”.

Os sintomas psíquicos que Solé (2005) encontrou como demanda desses jovens e adultos surdos em sua escuta analítica foram: 1. Dificuldade de adentrar a vida adulta, de romper o vínculo ou de se afastar dos pais; 2. Impossibilidade de lidar com as perdas mais comuns e com os próprios fracassos; 3. Vergonha de si próprios e da voz quando tentam oralizar; 4. Inabilidade no convívio social; 5. Dependência de um ouvinte da família (geralmente a mãe) para realizar atividades corriqueiras fora do contexto da casa.

A terceira e última categoria é modos de apreensão das línguas. No curta metragem, observamos que até a idade de 13 anos, os pais optam pela oralização de Rubem, através da terapia fonoaudiológica. O pai de Rubem, apesar da afirmação da fonoaudióloga de que o menino não está se desenvolvendo na fala (cena em 6min29s), insiste que ele deva continuar nesta abordagem de reabilitação. A mãe, por outro lado, ao perceber a admiração de Rubem pela Libras, ao encontrar um grupo de jovens surdos, percebe que esse pode ser um caminho para seu desenvolvimento. A mãe aceita a Libras por perceber que Rubem se sente acolhido pela comunidade surda. Não há um entendimento comum entre os pais sobre a inserção de Rubem na comunidade surda, o que gera uma briga entre eles (cena inicia em 15 min).

Dalcin (2006) ao narrar sobre jovens surdos atendidos em terapia psicanalítica afirma que que foi o encontro com a comunidade surda que lhes permitiu ter um nome (sinal pelo qual foram batizados) e que, ao adquirir a língua de sinais, passaram a compreender muitas coisas que antes não entendiam. Saíram do isolamento e ganharam uma “nova família”. Esse renascimento é observado no personagem Rubem, que se sente pertencente à comunidade surda e declara aos pais que “quer aprender Libras”. Muitas histórias como a de Rubens se repetem no cotidiano das pessoas surdas. Esse encontro com a comunidade surda, mesmo quando tardio na vida do surdo dá a ele a “possibilidade de se engancharem na cadeia simbólica e a sua subjetividade passa a ser marcada pela qualidade de ser surdo” (DALCIN, 2006, p. 206).

### **Considerações finais**

Neste artigo, foram apresentadas reflexões de pesquisadores sobre as singularidades da constituição subjetiva da criança surda filha de pais ouvintes. Os autores são unânimes em afirmar que a principal característica dessa constituição subjetiva é o impasse que ocorre na relação entre os pais ouvintes e seus filhos surdos pela impossibilidade de uma língua plenamente compartilhável. Por essa razão, a identificação se torna frágil, uma vez que, como os pais não conseguem se comunicar com seus filhos, não podem transmitir sua língua, o que gera muitos conflitos. Tentativas de uso de “sinais caseiros” permitem uma comunicação muito precária e permitem resolver necessidades cotidianas da criança, porém os sinais caseiros não possibilitam que se estabeleça uma língua na qual a criança possa “dizer-se”.

Alguns autores apontam para a ocorrência de uma terceirização da inserção da criança na língua, não por desdém dos pais, mas por uma percepção de ser essa a única forma possível de garantir uma comunicação e o desenvolvimento da criança. É em uma escola em que circula a língua de sinais que a criança começa a conviver com uma língua com a qual pode se organizar psiquicamente, compreender o mundo e, enfim, dizer-se. É a escola também que, na maioria das vezes, possibilita a aprendizagem da língua de sinais pelos pais.

Quando a criança adquire a língua de sinais ela tem acesso a uma língua de significação com a qual pode fazer laços e deslizar na cadeia significante. Permite também aos pais ouvintes se apropriar dessa língua, quando a aceitam como língua de significação dos filhos, e, através dela, se comunicar com eles, ascender à condição de tutores paternos, que muitas vezes foi destituída com o impacto narcísico do diagnóstico. A língua de sinais permite mais do que a comunicação entre a família, permite que os pais vejam seus filhos

como crianças, e não como alguém a ser normalizado, reformado, consertado. Ocorre, então, um resgate narcísico dos pais em relação ao filho surdo.

## REFERÊNCIAS

- ADRIANO, N. A. **Sinais caseiros**: Uma exploração de aspectos linguísticos. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103258>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- BISOL, C.; SPERB, T. M. Discursos sobre a surdez: Deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 07-13, mar. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722010000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000100002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 maio 2021.
- BREMM, E. S.; BISOL, C. A. Sinalizando a adolescência: Narrativas de adolescentes surdos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 272-287, jun. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932008000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 jun. 2021.
- CRISÁLIDA, S. M. B. **Raça Livre Produções**. 2016. 1 Vídeo (17min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YFnSUNpogqQ>. Acesso em: 18 jan. 2022.
- DALCIN, G. Um estranho no ninho: Um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. *In*: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.
- FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. São Paulo: Zahar, 2018.
- FREUD, S. O sentido dos sintomas (1916). *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XVI.
- LUZ, R. D. **Cenas Surdas**: Os surdos terão lugar no coração do mundo? São Paulo: Parábola, 2013.
- MANNONI, M. **Educação Impossível**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.
- NEVES, J. T. P. **Psicoterapia Psicanalítica com pacientes surdos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria e Ciências do Comportamento) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188898>. Acesso em: 4 jun. 2021.
- SILVA, G. F. Reflexões psicanalíticas sobre a língua, o estrangeiro e a intimidade em casos de surdez profunda. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 9, abr. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2007000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2007000100011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 jun. 2021.

SOLÉ, M. C. P. **O sujeito surdo e a psicanálise: Uma outra via de escuta.** Porto Alegre: UFRGS, 2005.

VIROLE, B.; IBAD-RAMOS, M. **Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent sourd: 20 ans de clinique.** 2003. Disponível em: <https://virole.pagesperso-orange.fr/psychopathoDA.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.

### **Como referenciar este artigo**

NASCIMENTO, L. C. R. *Psicanálise e surdez: Subjetividades da constituição subjetiva.* **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 23, n. 00, e022018 2022. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v23i00.16738>

**Submetido em:** 12/08/2022

**Revisões requeridas em:** 19/10/2022

**Aprovado em:** 11/11/2022

**Publicado em:** 30/12/2022

**Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Correção, formatação, normalização e tradução.

